

# Humanismo e pensamento histórico em Jörn Rüsen: notas e reflexões para estudo em Teoria e Metodologia da História<sup>1</sup>

Nélio Borges Peres  
Universidade Estadual de Goiás  
Porangatu – Goiás – Brasil  
nelioperes@yahoo.com.br

---

**Resumo:** Diante dos paradigmas do ensino e da pesquisa em História Local e do Tempo Presente, o foco inicial do estudo consiste reunir notas que permitam apreender um modo de compreensão e explicação da História. Para superar o modelo tradicional baseado em memorizar fragmentos de *coisas* de arquivos familiares ou de documentos cartoriais, tanto a História Local quanto a História do Tempo Presente são redimensionadas e o foco da análise amplia a dimensão do humano (universal, geral) no indivíduo (local, particular). A partir do conceito de *humano* espera-se matizar algumas cores no sentido de evitar ou diminuir sombras sobre a teoria para a prática da História Local como modo de compreensão da vida em sentido histórico amplo (e dinâmico) enquanto vida cotidiana. As notas tomadas durante a audição da Palestra servirão como traço para sombrear a trilogia de Rüsen sobre a Teoria da História.

**Palavras-chave:** Teoria; Metodologia; História; Humanismo; Jörn Rusen.

---

Diante de uma plateia de estudantes e professores de história ávidos para ouvir o palestrante, um senhor de pele rosada, cabelo ralo e grisalho, começa uma luta entre o homem e o computador. Nem homens nem máquinas são perfeitos. Opera-se uma substituição do equipamento e pronto, o homem vence a querela cotidiana. Um problema real, assistido e vivido por todos os que trabalham com máquinas, soa como prelúdio para os conceitos que o palestrante irá expor. *A problemática da racionalização humana passa pela técnica humanista que anima a luta da humanidade*

---

1. As notas foram tomadas durante a Palestra do historiador Jörn Rüsen no dia 07 de outubro de 2010, durante evento da Revista Teoria da História, UFG.

*contra a natureza e as máquinas*. Problemas de definição do humanismo, mais do que gramaticais, são problemas de condição existencial: o que é o Humano? O que é a globalização diante da diversidade humana? Humanizar é tornar humanas as forças produtivas? E para quê? Para quem? Lançadas as questões, Rüsen inicia a palestra sobre humanismo e pensamento histórico no limiar do século XXI<sup>2</sup>.

O humanismo é a perspectiva incontornável (no mundo atual); o humanismo não é o “cachorro morto” de Nietzsche ou de Marx, nem de Derrida, nem de Foucault, nem de Heidegger ou mesmo o de Habermas (o etnocêntrico).<sup>3</sup> O humanismo defendido em Rüsen é uma *estratégia de orientação* para a própria humanidade. O *locus* do humanismo está na *comunicação intelectual universal*. O fator de objetividade do humanismo pode ser anotado no entrecruzamento das tradições: o que temos em comum e o que nos afasta. Independente das diversidades, somos todos humanos. O *estranhamento* deve ser enfrentado com um *anti-etnocentrismo*: que formas diferentes do humanismo nos torna humanos?

O modelo histórico ocidental não é menos oriental, dado que é o modelo predominante no mundo, porque a forja de tal modelo passou pelo fogo da antiguidade clássica, que constituiu a noção do humano depois de já ter sido fartamente influenciada pelo pensamento do oriente (cf. André Gide, *Paludes*; Ortega y Gasset, *A História como Sistema e A Rebelião das Massas*; Edward Said, *Orientalismo*). Rüsen indica Erasmo e Pico della Mirandola como referências no assunto; mas será em Kant e nas *atitudes filosóficas* que o historiador alemão afirmará o seu ponto de partida. Na ideia kantiana do humanismo universal, de políticas humanitárias e de responsabilidade humana deve-se questionar: o que é *ser humano*?

---

2. Conferência: Humanismo e Pensamento Histórico. Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás FH-UFG: Goiânia-GO, 2010. Notas compiladas manualmente pelo ouvinte. Pelo menos duas traduções aparecem antes e durante as anotações. A tradução que Rüsen fez do alemão para o inglês ao falar para estudantes no Brasil e a que seu tradutor simultâneo, o também historiador Estevão Martins, fez do inglês para o português. Optou-se por um risco ao fiar na honestidade intelectual e assimilar a exposição em português.

3. Acompanham as notas algumas referências a autores e obras que devem ajudar na preparação da planta teórica. Os que foram citados pelo palestrante aparecem no decorrer da prosa; os que aparecem entre parênteses são referências anotadas alhures e devem ser confrontadas no desenrolar do estudo.

Humanismo e universo humanizado, humanismo e individualismo, humanismo e cultura são *enunciados de um programa antropológico*. Mas também não basta um valor normativo para a afirmação do humano. O humano, como valor em si, permite tratar o *humanismo como categoria inclusiva e não excludente*; eis o interesse de Rösen em Kant (*cf. Crítica da Razão Prática e Dialética dos Costumes*).

No seio de uma cultura política o humanismo assemelha a um *Historicismo Universal*, porque vincula o respeito indivíduo-indivíduo e não cultura-cultura, o respeito entre “você e eu” e não entre “isto e aquilo”. Invoca a noção de responsabilidade do indivíduo diante do que acontece a partir do que este faz com o que foi feito dele. O humanismo em Rösen é o *auto-cultivar*: formação moral, cívica, religiosa, escolar que permita tornar o indivíduo responsável por si mesmo. A fim de se entender as dimensões da vida cotidiana imediata, compreende-se também a inevitável relação entre temporalidades existenciais que transcendem a totalidade de uma só existência, e que veste o existir na vida prática do tempo presente de incontáveis vidas paralelas.

O humanismo defendido por Rösen está em oposição ao coletivismo determinista que instrumentaliza as pessoas para serem o que o *grupo* espera que sejam. Humanismo que procura construir o ser humano levando em conta as diferentes temporalidades e dimensões da vida cotidiana no tempo presente (*cf.* a ideia de um tipo universal de humano médio, o “homem massa” de Ortega y Gasset – *cf.* a ideia do “homem massa” que se vê a sós, consigo em Zygmunt Bauman, *A sociedade individualizada*). Nesse sentido, a perspectiva antropológica ocidental é incompleta, na medida em que se fundamenta em grupos com os quais se tem de raciocinar em termos de *outro* em relação ao *mesmo* (o *eu*) que pensa e com isso inclui ou exclui: em termos de uns *serem* mais humanos que *outros*. Exemplo das civilizações: ocidental-oriental, ou moderna-medieval-antiga, ou chinesa-americana-européia, ou brasileira-alemã-indígena. No final – senão o tempo todo da sua ação – toda antropologia acaba sendo história.

O *programa antropológico* servirá para o historiador estabelecer a questão empírica de suas análises por meio dos Universais Antropológicos: a) a natureza moral; todos os humanos são definidos como *pessoas* em todas as culturas da história. Mas nas sociedades arcaicas não se considera pessoas todas as pessoas: *só nós somos humanos, os outros não*. A tese que

Rüsen pretende compor: b) o humanismo é cultura, no sentido de práticas que distinguem o humano do selvagem ou do animal sem memória. O humanismo configura uma história das culturas, da antiguidade oriental até os dias atuais. O programa antropológico do historiador deve se ater para o fato de que tudo o que leva o signo da novidade no mundo definido como *aldeia global* é, por definição, antigo.

A ideia de *continuidade* pode ser encontrada em Karl Jaspers, para quem a história é sempre a *história do tempo presente*. É a prática humana no tempo; prática que inclui todos os humanos: Não o *Eu* e o *Tu*, mas sim o *Nós*. O olhar dirigido para a religiosidade do homem (incluindo mulheres, crianças, jovens, adultos, velhos ...): o *Eu* 3D, o *Eu* eu, o *Eu* natureza, o *Eu* supra-humano.

Exemplo: as religiões universais; elas rompem barreiras étnicas e ajudam a explicar o entendimento do mundo em um nível inovador de padrão cultural. O judaísmo, o budismo, o hinduísmo, o islamismo, o cristianismo não se limitam a seus locais de origem, mas estão em *convivência* em todos os lugares do universal histórico. Todos querendo atingir um ideal de *vida boa*. O problema da vivência simultânea está na forma do pensamento que exclui para incluir, como se houvesse de fato uma humanidade singular em contraste com *outras*. É preciso resolver a questão em termos de uma concepção do *Eu* (em relação a) em cada tempo presente.

O que ocorreu com as diferenças? O que é feito da expressão “bons humanos somos nós”, em relação ao confucionismo ou ao karma, às afirmações etnocêntricas do universalismo? Rüsen fala em termos de um tempo axial, *que gira em torno de mim, concepção que me tem como centro*: turcos, brasileiros, chineses, alemães etc. precisam ser incorporados no Canadá. Cada nacionalidade precisa ser integrada em termos de diversidade ao mesmo tempo em que tal diversidade não pode ser o fiel da balança, a não ser uma amostra. O tempo axial é um tempo universal sempre presente.

Não existe uma modernidade, existem modernidades; *sou* no plural. A reflexão histórica acerca da humanidade deve humanizar também os conceitos modernos, deve direcionar a reflexão sobre a concepção ocidental de humanidade como moralmente significativa.

As características das revoluções históricas: secularização, universalização, naturalização, individualização... (*cf.* a crônica intitulada

“Natan, o sábio”). Acerca da *secularização*, Rösen salienta que o mundo divino se deslocou para o interior do humano. *Deus não morreu apesar de Nietzsche* (e de muitos terem entendido que o professor de Filologia da Basileia tê-lo definido dessa forma). A divindade migrou, Deus *mudou* de endereço: saiu do mundo exterior a passou a ocupar as profundezas do humano. O solitário, sem ver Deus no mundo, é obrigado a buscá-lo dentro de si, mas aí mora um vazio que fora identificado como sendo o próprio Deus. Esse vazio é a ausência da moral, do sentido supra-humano (histórico). Carência de orientação para agir no tempo presente, a metáfora da morte de Deus não passou de um mal entendido conceitual, expresso agora em relação às atrocidades dos campos de concentração nazistas, fascistas, comunistas, capitalistas (*cf.* noção de *absurdo* em Albert Camus, *O mito de Sísifo*, *O Estrangeiro* e o *Homem Revoltado*; dialogar com as palavras de H. Arendt, acerca da *banalização do mal* e a *crise do pensamento contemporâneo*).

A *individualização*, em Rösen, é considerada em termos de um *esboço ideal típico* do humano. A perda da ideia de solidariedade social deve muito do seu mérito à obstinada formação dos Estados Nacionais, à ideia da nação como unidade humana específica, os darwinismos sociais, as “maravilhas” dos séculos XIX e XX. Em Rösen, os Estados Nacionais são uma forma prática de anti-humanismo. Se Nietzsche ajudou a acabar com o humanismo, como parece crer Rösen, Lévinas considera que ele (Nietzsche ou o humanismo?) já foi pro *beleleu*.

Riscos a serem evitados no trabalho de reflexão do historiador – e do cientista em geral – surgem todo momento, especialmente quando alguém define sua atitude como coisa feita *em nome* da humanidade. É preciso evitar as simplificações feitas em nome da humanidade, que procura se explicar por meio do conhecimento de um passado frutífero em ações bem intencionadas e conquistas difíceis. O papel do historiador, no ato de criação e de demonstração do seu pensamento, não pode ater às benesses anunciadas como tais. O historiador deve evitar o “fetiche” dos sucessos humanos na história – [isto sou eu quem diz] – e apresentar o que de mais verdadeiro a história da humanidade tem para nos dizer: as misérias humanas, os sofrimentos em nome do progresso material e espiritual, a violência cotidiana, tudo isso é o que deve mover a práxis do historiador e do cientista em geral.

Concepção de Razão: deve-se superar as limitações conceituais entre realidades distintas. Rüsen inscreve seu argumento num horizonte conhecido e divulgado por Walter Benjamim como um *alarme de incêndio*. O historiador e o cientista em geral devem aprender a atacar a razão nos seus limites; e as misérias praticadas em nome da razão não podem ser esquecidas só para que a história do progresso humano prossiga sendo escrita e comercializada. Campos de concentração não podem ser esquecidos, a desgraça humana precisa ser enfrentada, ao invés de ser posta de lado por problemas de gramática.

A perspectiva do historiador e do cientista em geral deve considerar o olhar objetivo no sentido de encarar de frente a *desumanidade da humanidade esfacelada em humanismos etnocêntricos*. A proposta de renovação do humanismo concentra-se em um “novo humanismo”. É preciso *recuperar* conceitos clássicos, como o de “fragilidade” em Cícero; passar o pensamento no esmeril da experiência subjetiva com a reflexão objetiva (cf. Lévinas, *Entre Nós: ensaios sobre alteridade*). Elementos utópicos são necessários para a intuição e a imaginação poderem se formar humanamente... mudar a lógica dos sentidos, a teologia que olha no retrovisor, a lógica etnocêntrica do *Eu* que vê o *Outro* com o olhar da alteridade.

O *humanismo real* de Rüsen consiste na possibilidade de decisão racional dos indivíduos diante da vida. Elimina-se a razão teórica e, com Kant, afirma-se a primazia da razão prática; o próprio termo *razão* pode ser substituído, dando lugar ao termo *pensamento*, como momento intelectual da práxis humana no cotidiano do tempo presente.

A naturalização da cultura desumaniza: é preciso estabelecer perspectivas integradas entre cultura e natureza por meio de uma comunicação intercultural.

Matriz de interpretação do tempo: nem linear nem circular, mas tempo factual. Afirmção peremptória: não há como isolar um modelo de tempo do outro. Não interessa saber que tempo *nós* temos e o *outro* não tem (ainda). A questão é *saber como se vai olhar para a história*. Com um retrovisor? Virando o pescoço ou o corpo inteiro para trás? Olhando para frente?

O *olhar para trás* vem de uma concepção arcaica, que cria o mundo dos deuses – de ontem – e o dos homens – de hoje. A determinação teleológica serve para a determinação moderna, na medida em que se reconstroem orientadas pelo pensamento que busca o amanhã.

A alteridade não tem lugar na lógica de interpretação do tempo como ciclos. *Para me entender com os outros preciso considerar que os outros possuem outras temporalidades. Preciso conceituar o tempo para entender como estamos no tempo, ou seja, é preciso temporalizar a humanidade.*

Rüsen sugere o termo *Kairós* como forma interpretativa do ser no tempo. O tempo no pensamento histórico se esvai; há, no ato do pensamento histórico, a suspensão do tempo. Exemplo na literatura pode ser encontrado no magistral *Em busca do tempo perdido* de M. Prust (ou em *A Máquina do Tempo* de H. G. Wells [este último por minha conta e risco]).

O tempo some para uma intuição acontecer, uma percepção do mundo, uma experiência do mundo. No instante de silêncio o presente é invadido pelos odores, cores, sons, imagens de outros tempos e tudo se mistura, passado-presente-futuro num lugar sem tempo determinado: a memória, o pensamento que tem a duração de um instante. A situação assemelha-se à ideia de *um tempo parado no tempo*.

*Relações entre sistemas produtivos e humanismo* – humanismo e capitalismo não combinam, mas também não escapamos, não há como o capitalismo desaparecer – não diga palavra das benesses, estes são dados irretocáveis, que dispensam esforços porque o que interessa são as desgraças. A *consciência dos consumidores* pode servir para lutar contra o capitalismo, consciência de não consumir um produto, por exemplo, por que ele é produzido com trabalho infantil, ou porque ele é produzido sem levar em conta o impacto ambiental. [Tal consciência de consumidor seria uma consciência política atualizada, que se assemelharia ao que existe naturalmente no Brasil, que é a política clientelista, da venda e da compra, da negociação do interesse? Talvez, mas só que em termos de um interesse humanizado, e não desumano].

Em termos práticos, é possível lutar contra o capitalismo usando para isso o pensamento capaz de decidir entre o que se precisa para a *vida boa* e o que não falta a ela (saber o que é *vida boa*). O humanismo “acaba” com o capitalismo tal qual o conhecemos ao humanizar seus procedimentos. Onde estão as foices e os martelos?

*Aproximações entre as concepções de tempo*: experiência do passado mais perspectiva de futuro. O pensamento relativista de Einstein pode ser usado para negar a teoria da causalidade em relação às ciências de um modo geral e a história em particular (cf. Cladenius e sua *Ciência Histórica Geral* ou *universal*, como varia a tradução).

*Em relação com o ensino e as didáticas*, a orientação do humanismo universal se apoiaria, por exemplo, numa divisão que começaria com uma História Geral da Humanidade, dividida em uma sequência temporal: História da Oralidade, História da Escrita e História da Eletrônica, todas as três temporalidades históricas absorvidas hoje em dia e de fácil acesso existencial para as pessoas de um modo geral.

*Existe uma aproximação de Rüsen com Marx?* Humanização não é pasteurização. Para Marx o humanismo é ideologia burguesa que, pela lei da dialética, tornar-se-ia outra coisa com a emancipação política proletária. Em Rüsen há um alerta de que o humanismo pensado em termos de modos de produção pode levar a outras formas de desumanização; e ele lembra que em Awshivtz havia uma placa com o dizer “O trabalho liberta” e nas ilhas do arquipélago Gulac dizia-se “humanismo real”.

---

HUMANISM AND HISTORICAL THOUGHT IN JÖRN RÜSEN: NOTES AND REFLECTIONS FOR STUDY IN THEORY AND METHODOLOGY OF HISTORY

**Summary:** In the face of the paradigms of teaching and research in Local History and the Present Time, the initial focus of the study is to gather notes that to grasp an understanding and explanation of the history. To overcome the traditional model based on storing fragments of things of family files or documents registry offices, both Local History as the History of the Present Time are resized and the focus of the analysis builds on the human dimension (universal, general) on the individual (local, private). The human concept tint some colors expected to avoid or reduce shadows on the theory to the practice of Local History as a way of understanding life in historical sense (and dynamic) while everyday life. The notes taken during the hearing of the lecture will serve as dash to shadow the Rüsen trilogy about the theory of history.

**Keywords:** Theory; Methodology; History; Humanism; Jörn Rüsen.

---

---

SOBRE O AUTOR

**Nélio Borges Peres** – Mestre em História pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, professor efetivo da Universidade Estadual de Goiás.

---